

**DISCURSO DO PRESIDENTE DO BRASIL NA 74ª SESSÃO DA ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS (AGNU) EM 2019**

*Rafaela Sourient Moret*

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo trata acerca da 74ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) realizada em setembro deste ano, com ênfase no discurso do presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, uma vez que nunca houve expectativa tão grande para o pronunciamento de um chefe de estado do Brasil na ONU (Organização das Nações Unidas).

A relevância do esforço é justificada pelo aprofundamento de um assunto debatido fervorosamente antes e depois da realização da 74ª assembleia, nos meios de comunicação globais e mídias sociais, pois as opiniões a respeito da exposição de Bolsonaro divergem e se desdobram em inúmeras interpretações. A expectativa geral era de que o presidente evitasse polêmicas e buscasse amenizar as críticas a sua administração, objetivando melhorar a imagem do país.

Havia apreensão quanto à situação alarmante de desmatamento na floresta Amazônica neste ano, visto que um dos assuntos prioritários elencados pela ONU é o meio ambiente. Tudo indicava que o presidente usaria seu primeiro discurso num evento como esse para atenuar sua relação com os líderes dos países europeus, essencialmente o francês.

Segundo o IPAM (Instituto de Pesquisas Ambiental da Amazônia), o volume de queimadas no bioma supera 60% os últimos três anos. Apenas no período de 1º de janeiro a metade de agosto de 2019, o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) registrou 32.728 focos de incêndio na região.

No entanto, ao contrário do que se esperava e para a surpresa de grande parte dos ouvintes, o entendimento e a interpretação da grande maioria foi de que Bolsonaro foi agressivo e ideológico, evidenciando mais uma vez falta de tato na transmissão de ideias.

**1 ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS (AGNU)**

A Assembleia Geral da ONU é considerada o principal órgão decisório e o único em que todos os países participantes tem representação igualitária, ou seja, o mesmo peso de voto nas discussões levantadas. Atualmente 193 países membros se reúnem para debater e definir medidas para a resolução das questões atuais e que de alguma maneira impactam e/ou ameaçam a vida humana.

Suas principais funções são: discutir e fazer recomendações sobre todos os assuntos em pauta na ONU, discutir questões ligadas a conflitos militares – com exceção daqueles na pauta do Conselho de Segurança –, debater formas e meios para melhorar as condições de vida das crianças, dos jovens e das mulheres, confrontar ideias ligadas ao desenvolvimento sustentável, meio ambiente e direitos humanos, decidir as contribuições dos Estados-Membros e como devem ser gastas, e eleger os novos Secretários-Gerais da Organização.

Normalmente, a reunião acontece no mês de setembro, em Nova Iorque, na sede das Nações Unidas. Durante duas semanas, os líderes globais instituem uma agenda para tratativa dos temas em pauta, que se referem a questões temporais e indispensáveis de políticas internacionais, dado que essencialmente, têm impactos sobre o ano seguinte e corrente. Abrangem o desenvolvimento sustentável, alterações climáticas, paz e segurança, igualdade de gênero, saúde pública e direitos humanos.

**1.1 74ª ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS (AGNU)**

Todo ano, o presidente eleito junto aos Estados-Membros e ao secretário-geral, escolhe um tema alvo de pronunciamento dos chefes de estado e governo. O debate geral de 24 de setembro de 2019 contou com a presença dos 193 membros, sendo que os itens listados pelo diplomata nigeriano Tijjani Muhammad-Bande, foram paz e segurança, erradicação da pobreza, fome zero, educação de qualidade, ação climática e inclusão, com destaque também para os direitos humanos e à paridade de gênero.

O secretário-geral, António Guterres abriu o debate enaltecendo a importância da diversidade e do multilateralismo, expressando a relevância de diversos países trabalharem em conjunto sobre determinado tema, em prol de um bem

maior. Mencionou e considerou inaceitável o recente ataque terrorista às refinarias de petróleo na Arábia Saudita, assim como possíveis conflitos armados no Golfo que ameaçam a paz e a segurança.

Ainda segundo Guterres, existe o risco de “o mundo se dividir em dois, com as duas maiores economias da terra criando dois mundos separados e em competição, cada um com sua moeda dominante, comércio e regras financeiras, com sua própria internet e inteligência artificial”. E que cabe ao mundo “fazer todo o possível” para manutenção de “uma economia universal com respeito pela lei internacional, um mundo multipolar com instituições multilaterais fortes”.

Em relação às mudanças climáticas, para impulsionar as ações do Acordo de Paris, sediou-se alguns dias antes da 74ª Assembleia Geral, a Cúpula de Ação Climática para estimular os países a colaborarem para o alcance dos objetivos propostos. Durante o início dos debates, voltou-se a sublinhar a emergência climática. O secretário-geral encerrou tratando sobre a igualdade de gênero.

## 2 O DISCURSO DE JAIR MESSIAS BOLSONARO

Desde 1955 o primeiro país a discursar é o Brasil e no ano de 2019 não foi diferente. Optou-se aqui por transcrever alguns recortes das falas do presidente, essenciais para a interpretação e consolidação de opinião, sem viés ideológico.

Bolsonaro iniciou apresentando o Brasil e o seu passado. Mencionou as antigas administrações, em especial as gestões petistas. Discorreu sobre os gargalos ainda vividos pela população brasileira e a corrupção desenfreada dos anos passados. “Apresento aos senhores um novo Brasil, que ressurgiu depois de estar à beira do socialismo [...]. No meu governo, o Brasil vem trabalhando para reconquistar a confiança do mundo, diminuindo o desemprego, a violência e o risco para os negócios, por meio da desburocratização, da desregulamentação [...]”.

Continuou abordando o acordo celebrado entre a presidenta Dilma Rousseff e o governo cubano em 2013, que trouxe ao Brasil mais de dez mil médicos por meio do programa “Mais Médicos”, designados a atender áreas remotas do Brasil. Segundo ele, os médicos cubanos não tiveram seus direitos humanos respeitados, não puderam trazer familiares, tiveram salários confiscados, comparando-os a escravos.

Isso gerou inúmeras críticas e muitos meios de comunicação fizeram questão de relembrar o discurso do presidente quando ainda exercia cargo de deputado federal, em 08/08/2013 a respeito da Medida Provisória nº 621, acerca da criação do Programa Mais Médicos e da Inadmissibilidade da contratação de médicos cubanos pelo governo brasileiro. Bolsonaro afirmou: “Prestem atenção, está na medida provisória: cada médico cubano pode trazer todos os seus dependentes e a gente sabe um pouquinho como funciona a ditadura castrista. Então, cada médico vai trazer 10, 20, 30 agentes para cá. Podemos ter, a exemplo da Venezuela, 70 mil cubanos aqui dentro. E um detalhe, Marquizzelli (PTB-SP): esses agentes podem adquirir emprego em qualquer lugar do Brasil com carteira assinada, inclusive cargos em comissão. Olhem o perigo para a nossa democracia!”

Ele afirmou que inúmeros agentes cubanos na década de 1960 visitaram países da América Latina com o intuito de instaurar a ditadura, e sem êxito, não conseguiram alterar o regime democrático brasileiro. “Há poucas décadas tentaram mudar o regime brasileiro e de outros países da América Latina. Foram derrotados! Civis e militares brasileiros foram mortos e outros tantos tiveram suas reputações destruídas, mas vencemos aquela guerra e resguardamos nossa liberdade [...]. A Venezuela, outrora um país pujante e democrático, hoje experimenta a crueldade do socialismo. O socialismo está dando certo na Venezuela! Todos estão pobres e sem liberdade!”.

*Bolsonaro tratou a abertura comercial e destacou que o livre mercado, aliado às privatizações e concessões, ampara a recuperação da economia.*

Após a delegação de Cuba se levantar durante o discurso de Bolsonaro, o presidente Miguel Díaz-Canel através do *Twitter* fez questão de demonstrar sua insatisfação com as declarações do brasileiro: “#Cuba rechaça energicamente as calúnias de Bolsonaro sobre a cooperação médica internacional, delira e tem saudade dos tempos da ditadura militar. Deveria lidar com a corrupção em seu sistema de justiça, governo e família. É o líder do aumento da desigualdade no Brasil #SomosCuba”.

Bolsonaro encerrou o tema discorrendo sobre a ajuda oferecida aos refugiados venezuelanos (mais de 4 milhões), por meio da “Operação Acolhida” do exército brasileiro. O presidente mencionou também o atual trabalho em conjunto com outros países em busca da recuperação da democracia venezuelana. Foi um trecho coerente e relevante para o debate, revelando que não somos apenas um bom parceiro comercial, mas um país solidário, que mantém suas portas abertas e está sempre disposto a ajudar causas humanitárias.

Num segundo momento, Jair Bolsonaro tratou a abertura comercial, destacando que o livre mercado, aliado às privatizações e concessões, ampara a recuperação da economia e, para isso, novas relações comerciais são necessárias. “Em apenas oito meses, concluímos os dois maiores acordos comerciais da história do país, aqueles firmados entre o Mercosul e a União Europeia e entre o Mercosul e a Área Europeia de Livre Comércio, o EFTA. Pretendemos seguir adiante com vários outros acordos nos próximos meses. Estamos prontos também para iniciar nosso processo de adesão à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Já estamos adiantados, adotando as práticas mundiais mais elevadas em todos os terrenos, desde a regulação financeira até a proteção ambiental.”

A possibilidade de entrada do Brasil na OCDE tem gerado inúmeras discussões, dado que uma das condições necessárias é abrir mão da participação na Organização Mundial do Comércio (OMC), que garante concessões benéficas e importantes, como redução nas tarifas de importação por exemplo. Por outro lado, daria visibilidade ao país, comprovando que este adota práticas diplomáticas, comerciais e econômicas alinhadas com os demais países membros, considerados os mais ricos do planeta.

Finalmente o presidente brasileiro levantou o assunto mais esperado, fazendo questão de reiterar o seu compromisso para com o meio ambiente e, em especial, com a preservação da Amazônia, que segundo ele, está praticamente intocada. Complementa fazendo menção ao atual clima seco da região, que favorece as queimadas, espontâneas ou criminosas, e as práticas indígenas de atear fogo em terrenos, como parte do seu plantio e forma de sobrevivência.

Em continuidade, Bolsonaro atestou ser uma falácia a afirmação de que a Amazônia é patrimônio da humanidade e pulmão do mundo, e que os ataques sensacionalistas tanto da mídia quanto de alguns países foram desrespeitosos, citando (indiretamente) o episódio em que Emmanuel Macron, presidente da França, sugeriu a adoção de sanções e a internacionalização da região: “Um deles por ocasião do encontro do G7 ousou sugerir aplicar sanções ao Brasil, sem sequer nos ouvir. Agradeço àqueles que não aceitaram levar adiante essa absurda proposta. Em especial, ao Presidente Donald Trump, que bem sintetizou o espírito que deve reinar entre os países da ONU: respeito à liberdade e à soberania de cada um de nós.”

*O Chefe de Estado reforçou que o Brasil usa apenas 8% das suas terras para a agricultura e insinuou que o real interesse e preocupação daqueles que atacam o País repousa nas riquezas minerais.*

O presidente terminou lembrando que 14% do território brasileiro é demarcado como terra indígena, que os mais de 200 povos e tribos existentes são seres humanos e, portanto, devem ter seus direitos respeitados. Reforçou que o Brasil usa apenas 8% das suas terras para a agricultura, enquanto outros países como França e Alemanha exploram mais de 50%, e insinuou que o real interesse e preocupação daqueles que atacam o Brasil repousa nas riquezas minerais e na biodiversidade e não no povo indígena que reside naquelas áreas. “Nossa política é de tolerância zero para com a criminalidade, aí incluídos os crimes ambientais. Quero reafirmar minha posição de que qualquer iniciativa de ajuda ou apoio à preservação da Floresta Amazônica, ou de outros biomas, deve ser tratada em pleno respeito à soberania brasileira. Também rechaçamos as tentativas de instrumentalizar a questão

ambiental ou a política indigenista, em prol de interesses políticos e econômicos externos, em especial os disfarçados de boas intenções.”

Outro aspecto da pauta foi a defesa dos direitos humanos, incluindo protecionismo, democracia e liberdade. Bolsonaro se comprometeu a cumprir tais compromissos assim como seguir combatendo a corrupção e a criminalidade. “Seguiremos contribuindo, dentro e fora das Nações Unidas, para a construção de um mundo onde não haja impunidade, esconderijo ou abrigo para criminosos e corruptos”. O presidente complementou citando casos em que terroristas internacionais foram extraditados para seus países de origem e afirma que, mesmo em casos de perseguição política, estes não encontrarão refúgio em território brasileiro.

Aproximando-se do fim do discurso, Bolsonaro voltou a mencionar os mandatos anteriores, ligando-os aos desvios de capital, a fim de enaltecer e evidenciar o trabalho do então juiz Sérgio Moro, referindo-se ao maior caso de corrupção e lavagem de dinheiro já orquestrado no Brasil, envolvendo políticos e empresas, o qual o atual Ministro da Justiça e Segurança Pública combateu. Além disso, retomou a dificuldade que o país encontra com o elevado índice de violência, que recai não só sobre a população, mas também sobre os policiais militares que se tornaram alvo do crime. O presidente frisou que na sua administração providências foram tomadas e já surtem efeito: “Medidas foram tomadas e conseguimos reduzir em mais de 20% o número de homicídios nos seis primeiros meses de meu governo. As apreensões de cocaína e outras drogas atingiram níveis recorde. Hoje o Brasil está mais seguro e ainda mais hospitaleiro”.

Bolsonaro prosseguiu assinalando que foram estendidas a isenção de vistos para nações como Estados Unidos, Japão, Austrália e Canadá e apontou que estudos estão sendo feitos para a extensão desta medida para uma gama maior de países. “Com mais segurança e com essas facilidades, queremos que todos possam conhecer o Brasil, e em especial, a nossa Amazônia, com toda sua vastidão e beleza natural. Ela não está sendo devastada e nem consumida pelo fogo, como diz mentirosamente a mídia. Cada um de vocês pode comprovar o que estou falando agora. Não deixem de conhecer o Brasil, ele é muito diferente daquele estampado em muitos jornais e televisões!”.

O penúltimo componente da narrativa do presidente brasileiro foi a perseguição religiosa, movimento bastante presente em inúmeras regiões do mundo. Reiterou que o Brasil condena este tipo de ato e que está disposto e apto a ajudar qualquer que seja o país, bisando seu apoio a criação do “Dia Internacional em Memória das Vítimas de Atos de Violência baseados em Religião ou Crença”, data para recordar e homenagear aqueles que sofreram perseguições em razão a sua fé. Para muitos, este foi um ato de enorme notoriedade, pois com a ajuda do Brasil e de mais sete países a ONU pôde declarar e instituir internacionalmente a resolução que institui o dia 22 de agosto, como memória a todas as vítimas.

Evidenciou o reconhecimento do Brasil, no que diz respeito à qualidade no serviço e ajuda prestada ao Haiti, ao Líbano e a República Democrática do Congo. “Reafirmo nossa disposição de manter contribuição concreta às missões da ONU, inclusive no que diz respeito ao treinamento e à capacitação de tropas, área em que temos reconhecida experiência.”

Por fim, frisou os importantes encontros e visitas, realizadas ao longo deste ano, com o intuito de expor o potencial do Brasil no que concerne a parcerias comerciais. “Em janeiro, estivemos em Davos, onde apresentamos nosso ambicioso programa de reformas para investidores de todo o mundo. Em março, visitamos Washington onde lançamos uma parceria abrangente e ousada com o governo dos Estados Unidos em todas as áreas, com destaque para a coordenação política e para a cooperação econômica e militar. Ainda em março, estivemos no Chile, onde foi lançado o PROSUL, importante iniciativa para garantir que a América do Sul se consolide como um espaço de democracia e de liberdade. Na sequência, visitamos Israel, onde identificamos inúmeras oportunidades de cooperação em especial na área de tecnologia e segurança. [...]. Com o Presidente Mauricio Macri e nossos sócios do Uruguai e do Paraguai, afastamos do Mercosul a ideologia e conquistamos importantes vitórias comerciais, ao concluir negociações que já se arrastavam por décadas.”

Avançou descrevendo a agenda internacional continua e que as próximas nações serão Japão, China, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Catar, a fim de reforçar a amizade e ampliar relações. Estendendo o trajeto para a Arábia e a Ásia, assim como África, Oceania e Europa. Segundo ele, “Como os senhores podem ver, o Brasil é um país aberto ao mundo, em busca de parcerias com todos os que tenham interesse de trabalhar pela prosperidade, pela paz e pela liberdade.”.

*O presidente tentou transmitir a ideia de que o Brasil passa por um momento de revigoração político, econômico e ideológico.*

Enfim, concluiu transmitindo a ideia de que o Brasil passa por um momento de revigoração político, econômico e ideológico. Segundo ele, na busca pelo poder absoluto, o país permitiu se levar e substituir a racionalidade pela manipulação. Prosseguiu recordando a tentativa de assassinato por ele sofrida, acertado por um golpe de faca na região do abdômen, durante sua campanha, em Juiz de Fora, por Adélio Bispo de Oliveira, que, segundo rumores e o próprio presidente, era um militante de esquerda.

Encerrou o discurso enaltecendo a importância e as atribuições da ONU, sobretudo as ações destinadas ao provimento da paz entre os países e do progresso social com liberdade. “Nas questões do clima, da democracia, dos direitos humanos, da igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, e em tantas outras, tudo o que precisamos é isto: contemplar a verdade, seguindo João 8,32: - “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. [...]. Esta não é a Organização do Interesse Global! É a Organização das Nações Unidas. Assim deve permanecer! Com humildade e confiante no poder libertador da verdade, estejam certos de que poderão contar com este novo Brasil que aqui apresento aos senhores e senhoras. Agradeço a todos pela graça e glória de Deus! Meu muito obrigado.”

## CONCLUSÕES

Haviam grandes expectativas que o discurso do mais novo presidente do Brasil seria ameno e conciliador, e trataria de temas importantes. Em entrevista ao Bom dia Mercado, por Rosa Riscala e Mariana Ciscato no dia 23 de Setembro, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia disse referindo-se ao presidente: “Ele me deu a impressão de que vai fazer um discurso mostrando tudo o que o Brasil teve de avanços no meio ambiente e de que vai deixar claro que o governo quer resolver as queimadas em áreas ilegais da Amazônia”.

Porém o discurso não surtiu o efeito esperado na melhora da imagem do país. Muitos afirmaram que sua não teve o tom adequado para a almejada recuperação, reconciliação e construção de novas alianças. Assuntos relevantes, como a reforma da previdência, um progresso para a economia, não foi sequer citada. Pelo contrário, a retórica foi carregada de ideologia, agressividade e farpas/indiretas a outros governos e líderes de Estado, como Macron e Merkel.

Segundo veículos midiáticos importantes como BBC e Guardian, o presidente adotou posição desafiadora, arrogante e conspiradora quanto contemplou as queimadas na Amazônia e os mandatos passados. Ainda segundo as mídias internacionais, na visão da Bloomberg, Bolsonaro “cimentou a ruptura da tradição de multilateralismo do Brasil”, no entendimento da CNN, a versão de que a mata Amazônia está praticamente intocada não é real e, segundo El País, o presidente “escancarou seu programa de ultradireita”.

A imprensa nacional também não se omitiu. O Estadão afirmou que o “tom de confronto na ONU rompe tradição do Brasil”, o jornal O Globo lançou sua matéria com manchete de que “Bolsonaro faz na ONU discurso para a militância”.

Em suma, o presidente discorreu sobre diversos pontos e, como sempre, dividiu opiniões. Apesar da interpretação geral do seu discurso não ter sido positiva, Bolsonaro foi assertivo em alguns itens, notadamente quando mencionou a vontade do país reconquistar a confiança do mundo e ampliar relações comerciais, a fim de defender a liberdade política e econômica, abrindo o mercado interno.

